

PERCURSO FORMATIVO DE PESQUISADORA: PESQUISA, FORMAÇÃO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Lisandra Oliveira e Silva

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

O objetivo desse texto é apresentar as trilhas que escolhi seguir no percurso acadêmico e no trabalho docente (entendido como processo formativo), relacionados à experiência vivida no interior do Grupo de Estudos Qualitativos Formação de Professores e Prática Pedagógica em Educação Física e Ciências do Esporte (F3P-EFICE), da Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A partir disso, narro um pouco a história desse coletivo, seus caminhos investigativos, as produções de conhecimento realizadas ao longo dos anos e as principais aprendizagens construídas nesse contexto. Para finalizar, apresento um pouco do percurso formativo e seus desdobramentos no exercício da pesquisa e no trabalho docente na área de Educação Física. Ou seja, procuro narrar como signifiquei e fui tramando minha trajetória formativa, de pesquisa e de docência, ao longo desses anos, e as principais aprendizagens construídas nesse processo.

CONTEXTUALIZAÇÃO E MEMÓRIA DO GRUPO DE ESTUDOS F3P-EFICE

É possível pensar que entre os anos de 1989 e 1991 foi o período embrionário desse coletivo, pois iniciaram as primeiras aprendizagens sobre Pesquisa Qualitativa realizadas pelo docente Vicente Molina Neto, em seus estudos de Pós-Graduação (MOLINA NETO e MOLINA, 2010). No ano de 1996, o professor Vicente Molina concluiu seus estudos de Doutorado na Universidade de Barcelona e aprofundou a relação da Pesquisa Qualitativa com a área de conhecimento da Educação Física, estudando e experienciando as primeiras aprendizagens dos princípios do fazer Etnografia Crítica. O ano de 1997 marcou o ingresso do docente no Sistema de Pós-Graduação Brasileira e a organização do Grupo de Estudos, que hoje se denomina F3P-EFICE.

A partir de então, esse Grupo foi se constituindo em um Grupo de Estudos como Projeto Acadêmico, ou seja, em um coletivo em que todos(as) os(as) integrantes pesquisam e estão inseridos(as) em Projetos de Pesquisa. Ao longo do tempo, fomos aprendendo que o trabalho em um Grupo de Estudos é uma necessidade (de aprender cada vez mais); uma investigação consequente de largo espectro conceitual e realizada com um dinâmico e sofisticado desenho metodológico; e que, a partir disso, não se faz sozinho(a) (MOLINA NETO e MOLINA, 2005).

Desde o ano de 2002 concorreremos com vários Projetos de Pesquisa junto ao Conselho Nacional de

EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: entre demandas curriculares e experiências artesanais

Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que garantiram Bolsa de Produtividade ao Líder do Grupo por mais de 12 anos e serviram de plataforma para a orientação de estudantes de Iniciação Científica, de Mestrado e de Doutorado, muitos deles(as), docentes da Rede Pública de Ensino da cidade de Porto Alegre e da Região Metropolitana.

Realizamos, durante esses anos, pesquisas que circulam entre metodologias que utilizam a Etnografia, que oferecem elementos importantes para compreender a prática pedagógica do professorado de Educação Física nas escolas e algumas limitações de sua formação docente; de Histórias de Vida, que consideram os relatos de vida situados em seu contexto histórico, construindo uma narrativa de ação dentro de uma teoria de contexto; a Autoetnografia; o Grupo de discussão e a Pesquisa Narrativa.

De 1997 até 2014, nessa linha de pesquisa, foram formados(as) 19 mestres(as) e sete doutores(as), sendo um doutoramento em trabalho de co-orientação. Dos(as) doutores(as) formados(as), cinco já integram os quadros de docentes/investigadores(as) em importantes Universidades Federais do País (Universidade Federal de Santa Maria/UFSM, Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Universidade Federal de Pelotas/UFPEL e Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN); e dois em importantes Universidades Comunitárias (Universidade do Extremo Sul

EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: entre demandas curriculares e experiências artesanais

Catarinense/UNESC e Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões/URI).

Apresento, no quadro a seguir, algumas características desse Grupo que foram construídas ao longo desses 18 anos:

1) Mesclar, em sua composição, diversos sujeitos que, de um modo ou de outro, fazem pesquisa, sendo eles:	2) A pesquisa que fazemos possui algumas características:	3) O Grupo de Estudos, ao longo dos anos, vem procurando pensar de modo articulado as seguintes categorias:
<ul style="list-style-type: none">• Jovens estudantes de Licenciatura em Educação Física• Experientes docentes de escolas públicas• Orientandos(as) de Mestrado e de Doutorado• Docentes do Ensino Superior	<ul style="list-style-type: none">• Longo tempo de permanência no campo de estudo• Objetivam compreender o universo pesquisado a partir de um problema de conhecimento recortado• Procuramos considerar a lógica dos sujeitos pesquisados	<ul style="list-style-type: none">• Formação de Professores• Prática Pedagógica da Educação Física Escolar• Identização e Trabalho Docente• Contexto Social e Cultura Escolar• Pesquisa Qualitativa

Quadro 1: Características do Grupo de Estudos F3P-EFICE.

Fonte: Quadro adaptado de Molina Neto e Molina (2005; 2009; 2010).

Especialmente sobre o item 3 do quadro acima entendemos que a Formação de Professores se faz

EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: entre demandas curriculares e experiências artesanais

articulada ao trabalho docente que se realiza na escola. Assim, Formação Inicial e Formação Permanente são compreendidas facetas de um único e contínuo processo: construir-se professor!

A partir disso, podemos nos questionar: Como nos construímos professores? Pensamos que o campo de estudos da Formação de Professores envolve um amplo espectro de dimensões e fatores que se articulam para nos forjarmos professores: os marcos legais e teóricos que orientam as diferentes esferas formativas; os processos formativos vividos no âmbito acadêmico e não acadêmico; os percursos de trabalho experimentados pelos docentes; e o desenvolvimento pessoal (o ato de formar-se).

Aliado ao processo citado no parágrafo anterior destaco que, no entendimento do Grupo, não há Prática Pedagógica neutra, nem desinteressada. Entendemos que a Prática Pedagógica trata de uma ação no mundo que revela: a) intencionalidade; b) inscreve um desejo; e c) denota pressupostos teóricos e metodológicos que geram uma ação. A partir disso, a prática pedagógica, entendida como prática social, torna-se capaz de provocar transformação nos sujeitos que comungam da relação pedagógica, estabelecida pelos códigos da Instituição em que se inserem. A prática pedagógica não se esgota em si própria: ela gera processos reflexivos e de ressignificação que podem convocar os sujeitos a novas relações, a novas práticas pedagógicas e a novas aprendizagens.

EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: entre demandas curriculares e experiências artesanais

Nesse sentido, compreendemos o(a) professor(a) de Educação Física um(a) trabalhador(a) da Educação e o exercício da docência, uma profissão de interações humanas. Assim, o que envolveria tal trabalho? Algumas características estão presentes no exercício da docência em espaços educativos escolares:

- O planejamento, a realização e a avaliação de sua prática pedagógica;
- A participação em reuniões e assembleias administrativas, pedagógicas e com a comunidade escolar;
- O atendimento e a relação construída com os núcleos familiares e/ou responsáveis pelos(as) estudantes;
- A confecção e a manutenção de materiais e recursos utilizados nas aulas;
- A organização e a participação em atividades e eventos promovidos pela escola;
- O processo reflexivo que os(as) docentes imprimem a partir de sua prática;
- O envolvimento e a participação nas atividades de Formação Permanente, tanto promovidas pelo Gestor Público quanto naquelas procuradas por iniciativa pessoal.

EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: entre demandas curriculares e experiências artesanais

Procuramos tratar da Identização Docente¹¹ como epistemologia da prática pedagógica, compreendendo os(as) docentes como intelectuais, em que as experiência docentes são o eixo central para repensar a formação de professores(as) de Educação Física. Pensamos que docentes, no dia a dia da escola, produzem conhecimento, inclusive necessário à Formação de Professores(as) (SILVA e MOLINA NETO, 2010).

O Contexto Social é compreendido como o lócus em que as relações sociais acontecem e são construídas. E a escola não é uma Instituição descolada do mundo; pelo contrário, media e vive os dilemas, contradições e conflitos de seu entorno e da cultura em que se insere.

E, por fim, por Pesquisa Qualitativa consideramos o campo de investigação – que atravessa disciplinas, campos e temas – situado em uma “família” e interligado a uma complexa rede de termos, conceitos e suposições. Assim, procuramos:

¹¹ Para tratar do conceito de identificação docente nos apoiamos no entendimento de Melucci (2004), que entende esse processo como uma experiência vivenciada pelo sujeito docente na constituição e redefinição contínua de si, por meio do conjunto de relações produzidas nos processos interativos. Por sua vez, Melucci (2004, p. 15) observa que “[...] o eu não está mais solidamente fixado em uma identificação estável: joga, oscila e se multiplica”. Para aproximar-se desse “eu múltiplo”, destaca o autor “[...] é necessário modificar o ponto de vista, assumindo um olhar capaz de perceber relações e aprender com a experiência” (p. 16).

EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: entre demandas curriculares e experiências artesanais

- Entender o outro e como os sujeitos significam o mundo e a vida;
- Descrever e compreender a diversidade de experiências humanas, o particular, o heterogêneo, o exótico, o diferente, as rupturas, os pertencimentos, as histórias e as ações de sujeitos específicos. Enfim, as subjetividades;
- Construir um caráter colaborativo e construcionista quando pesquisamos, pois o objetivo da pesquisa consiste em investigar as escolas e os fenômenos no ambiente escolar COM os(as) docentes e COM os(as) estudantes, ouvindo suas narrativas pessoais, perguntando-lhes o que pensam e observando o que fazem no dia a dia da escola.

Enfatizamos, portanto, que eixo central das pesquisas desenvolvidas pelo grupo trata do(a) docente de Educação Física e suas ações na escola, através de uma metodologia qualitativa. De acordo com Molina Neto e Molina (2010, p. 18): “[...] o pressuposto que nos moveu desde que iniciamos nossa carreira de pesquisadores é a crença de que os professores no dia a dia das aulas e das escolas, produzem conhecimento. Conhecimento esse importante, necessário na formação de professores e que estes precisam de vez e voz para sistematizá-lo e dar publicidade ao mesmo”.

Destacamos que nos últimos 10 anos houve um crescimento quantitativo e qualitativo do Grupo com ampliação do campo de pesquisa. Durante muitos anos

EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: entre demandas curriculares e experiências artesanais

o Grupo F3P teve como campo e conteúdo de investigação a Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Os processos de aprendizagem construídos através das pesquisas nos possibilitaram uma ampliação do olhar sobre o campo e um aperfeiçoamento dos procedimentos metodológicos, procurando um olhar mais aprofundado sobre o local que investigávamos. Desde o ano de 2014 estamos voltando nosso olhar de pesquisa para a Rede Estadual de Ensino do Estado do Rio Grande do Sul. Ou seja, a partir do conhecimento acumulado em pesquisas anteriores escolhemos ouvir também os(as) docentes de Educação Física que trabalham no Ensino Médio das escolas do Estado.

Assim, pesquisar de modo qualitativo envolve produzir um conhecimento que procura descrever, interpretar e compreender os significados, as representações, os discursos que os sujeitos constroem, e aos quais são submetidos, no contexto em que se realizam. Isso significa compreender e explicar a dinâmica das relações sociais, que são depositárias de crenças, valores, atitudes, representações e hábitos. Ou seja, trabalhamos com a vivência, com a experiência, com a cotidianidade e com a compreensão das estruturas e instituições – resultado da ação humana.

PERCURSOS FORMATIVOS, DE PESQUISA E DE DOCÊNCIA

EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: entre demandas curriculares e experiências artesanais

Nesse momento, contarei um pouco de meu percurso formativo e seus desdobramentos no exercício da pesquisa e no trabalho docente na área de Educação Física. Narro como signifiquei/significo e como fui tramando minha trajetória formativa, de pesquisa e de docência, ao longo desses anos, e as principais aprendizagens construídas nesse processo.

Assim, trato de três questões centrais a partir de agora: 1) O que entendo por pesquisa e por que pesquiso? 2) Como esse processo de pesquisa se torna um processo formativo? 3) Qual o impacto da pesquisa em minha prática pedagógica?

Entendo que a pesquisa é uma forma de produzir conhecimento sobre o mundo em que vivemos (SILVA, 2009). Um tipo de conhecimento, pois existem muitos outros que podemos lançar mão para dar conta dos fenômenos do mundo, de nosso existir e de nossa compreensão sobre as coisas: o conhecimento religioso, por exemplo, o filosófico, dentre outros. Escolhi compreender o mundo a partir do universo da pesquisa. Assim, pesquiso para:

- formar-me um docente melhor. Sendo a pesquisa entendida como Formação Permanente;
- produzir conhecimento próprio sobre o mundo. E pesquisa compreendida como produção de conhecimento com e entre os sujeitos que escolhemos estar durante um período de nossas vidas;

EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: entre demandas curriculares e experiências artesanais

- qualificar minha prática pedagógica, acreditando que a pesquisa possibilita que a aula da próxima semana seja melhor do que a aula que demos ontem. Ou seja, a partir do que lemos, escrevemos, refletimos, observamos, dialogamos com os pares, do que os(as) estudantes nos falam e do que acreditamos possamos dar uma aula na qual se produzam aprendizagens significativas para as pessoas com as quais trabalhamos e convivemos. E isso é um desafio, diário, não tão fácil, cansativo e sem muitos protocolos a seguir.

A partir disso, entendo por percurso formativo as experiências de formação que, de algum modo, transformam identidades e subjetividades (JOSSO, 2004). Tais experiências são tão diversas que a maneira mais geral de descrevê-las pode consistir do ato de falar de acontecimentos, de atividades, de situações ou de encontros, que servem de contexto para determinadas aprendizagens. Ou seja, para que uma experiência possa ser considerada formadora é necessário destacar a aprendizagem.

A questão epistemológica que proponho neste momento é a seguinte: de que modo as pessoas significam suas experiências vividas? Como dão sentido ao vivido? E me incluo nesse processo. Podemos pensar o seguinte: pessoas que passam pela “mesma experiência” a significam de forma diferente. Dessa forma, é possível dizer que a “experiência é a mesma?”. Por exemplo: ao participarmos de um

EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: entre demandas curriculares e experiências artesanais

Seminário de Educação Física Escolar na cidade de Porto Alegre é uma experiência vivida por uma centena de pessoas. Em contrapartida, o que cada um vive, os objetivos que nos levam a estar nesse local, o que vamos aprender nesse dia, demonstram os diversos caminhos e significações que pode ter essa (mesma) experiência na vida de cada um de nós. Isso acontece porque aprendemos de forma diferente, somos diferentes na hora de perceber e processar informações e na forma que aprendemos e ensinamos.

Assim, compreendemos que algo faz sentido para o sujeito quando algo o transforma. Ou seja: passar por uma experiência formadora é sair transformado dela (SCHOLZE, 2005). É sairmos daquele Seminário, ao final do dia, diferentes de quando lá chegamos.

A partir do exposto, e retomando a segunda questão que anunciei, é possível pensar que o processo de pesquisa se torna um processo formativo quando transformamos essa experiência vivida (ainda no exemplo de participação no Seminário) em aprendizagem, a partir da reflexão que fazemos sobre ela e sobre o que vivemos, ouvimos, refletimos, analisamos durante esse dia. E quando comparamos o dia de hoje com ações, argumentações, referenciais teóricos, com a prática que desenvolvemos nas aulas cotidianamente, uma série de elementos se entrecruzam e podemos produzir conhecimento próprio para qualificar nossa ação no mundo.

EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: entre demandas curriculares e experiências artesanais

Nesse sentido, é possível dizer que o impacto da pesquisa que realizamos em nossa prática pedagógica está associado, de certo modo, às escolhas que fazemos durante o processo de pesquisa, ou seja, na escolha que fazemos de alguns(mas) autores(as) (conceitos teóricos) e algumas formas de como fazer (conceitos metodológicos) para compreendermos e aprofundarmos conhecimento sobre determinada realidade.

Em pesquisa realizada (SILVA e MOLINA NETO, 2014), entre os anos de 2008 e 2012, em duas escolas da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (situadas na Zona Norte e Zona Sul da cidade), tive como problema de conhecimento a seguinte questão: “Na atualidade, quais sentidos são conferidos à escola e à Educação Física pelo professorado dessa área de conhecimento e por estudantes do Ensino Fundamental da Rede?” Nessa investigação me interessava pesquisar o que docentes e estudantes pensavam, faziam, aprendiam na Educação Física escolar e que sentido conferiam à escola na atualidade.

Para tanto, entrevistei sete docentes e 12 estudantes das duas escolas pesquisadas e observei, durante dois anos, o cotidiano delas: as aulas de Educação Física, as reuniões pedagógicas, os projetos da escola, os diversos espaços escolares e o dia a dia da Instituição; analisei documentos e dialoguei com docentes e estudantes, procurando ouvir duas vozes que fazem a vida nas escolas no seu cotidiano: docentes e estudantes.

EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: entre demandas curriculares e experiências artesanais

O caminho teórico metodológico que escolhi para compreender essa realidade foi aproximar a Pesquisa Etnográfica (GOETZ e LECOMPTE, 1984) com a Pesquisa Narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2011), em um estudo de tipo etnográfico e narrativo. Na Pesquisa Etnográfica procurei compreender os significados construídos a partir de um grupo; analisei aspectos descritivos e interpretativos das culturas, dos modos de vida, das formas que os sujeitos significavam suas experiências e conferiam sentido à vida cotidiana – a partir do contexto em que essa vida acontecia; e interpretei os eventos que os próprios sujeitos produzem e o significado dessa interpretação nos contextos específicos de suas ações.

Na Pesquisa Narrativa procurei compreender os sentidos construídos a partir dos sujeitos e de suas experiências – não apenas através do grupo; construí caminhos para entender como é pensada, construída, vivida e narrada uma experiência. Assim, a experiência dos sujeitos (e não somente a do grupo) foi o foco principal de análise e de aprendizagem, e procurei – através da escuta, da observação e do diálogo – compreender por que os sujeitos fazem o que fazem e como contam o que fazem.

Nesse sentido, aprendi e procurei aproximar e utilizar as descrições e as interpretações da Etnografia – com entendimento da construção da experiência dos sujeitos – a partir de suas perspectivas vividas e narradas – da Pesquisa Narrativa. Nessa forma de fazer pesquisa, o papel do(a) pesquisador(a) é o de estudar

EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: entre demandas curriculares e experiências artesanais

o centro da experiência dos sujeitos, tornando-se, ao mesmo tempo, narrador(a) e relator(a) das histórias dos sujeitos. A partir disso, o argumento principal do desenvolvimento e do uso da investigação narrativa, considera que os seres humanos – individual e socialmente – vivem vidas narradas.

FINALIZANDO: PRINCIPAIS APRENDIZAGENS

Neste momento, destaco que construo aprendizagens significativas quando: a) integro um coletivo que pesquisa e que produz conhecimento; b) estou lado a lado com docentes e estudantes nas escolas públicas, observando suas práticas pedagógicas, participando das reuniões na escola e acompanhando o cotidiano do contexto escolar; e c) sou protagonista das ações docentes que desenvolvo nas escolas e nas Universidades em que trabalho.

É possível destacar que algumas das principais aprendizagens que construí em minha formação na condição de pesquisadora tratam de:

- **Aprender a falar para ouvir:** percebi que durante as pesquisas de campo no Curso de Mestrado, procurei ouvir e observar o que o campo e os sujeitos narravam e faziam, sem me manifestar ou intervir no contexto, experienciando, de certa forma, um estranhamento e distanciamento quase constantes. Já, na pesquisa para realização da

EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: entre demandas curriculares e experiências artesanais

Tese de Doutorado entendi que se eu quisesse ouvir as histórias dos sujeitos teria de lhes contar as minhas. Assim, nos diálogos com docentes e estudantes compartilhei histórias de trabalho sobre o modo com que lidava com algumas situações nas escolas em que trabalhei. Dialoguei sobre dúvidas relativas às práticas pedagógicas em situações específicas, compartilhando com os estudantes alguns momentos da minha vida e da relação com a família, quando era da idade deles. Ou seja, não abandonei o estranhamento e o distanciamento, entretanto, me percebi mais conectada com o contexto, observando de forma participativa e me posicionando em algumas situações. Assim, aprendi a falar de mim para que os outros falassem de si.

- **Aprendi a ficar mais à vontade na realização da entrevista na pesquisa qualitativa:** percebi que, em algumas das entrevistas que realizei nos últimos anos, estava conseguindo, de fato, naquele momento, ouvir o que estava sendo contado (no sentido de compreender e fazer relações do enredo da fala), o que permitia refletir sobre o diálogo e propor alguns questionamentos pontuais na própria entrevista, ou seja, sintonizando-me com o(a) colaborador(a) mais do que me

EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: entre demandas curriculares e experiências artesanais

preocupando, por exemplo, se alguém entrava na sala ou se os ruídos externos estavam excessivos. O aprendizado metodológico construído na realização de uma entrevista em três etapas, por exemplo, me possibilitou o entendimento de que o inesperado pode colaborar com o processo de pesquisa e com as aprendizagens do campo. Isto porque, através da reflexão sobre o vivido percebi a curiosidade e o interesse de aprimorar alguns procedimentos para obter a informação, pois não temos protocolos a priori em pesquisa qualitativa. Do mesmo modo, o formato das entrevistas, em duplas, realizadas com docentes e estudantes na pesquisa, proporcionou o diálogo, o confronto de opiniões e a reflexão compartilhada a partir da perspectiva individual.

- **Estou aprendendo a fazer pesquisa na área da Educação Física sob a perspectiva narrativa:** considero que a aproximação da pesquisa narrativa com a etnografia colabora para a compreensão das experiências dos sujeitos e contribui para entender como nos tornamos o que somos e por que fazemos o que fazemos. Essas formas de pesquisas conectam-se com metodologias de estudo em que acreditamos: a centralidade nas

EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: entre demandas curriculares e experiências artesanais

experiências vividas, a compreensão dos fenômenos a partir da perspectiva dos sujeitos, a procura de não definições, generalizações e soluções, pois, como procurei demonstrar no decorrer deste texto, as explicações e as compreensões da realidade são significadas pelos diversos sujeitos e a partir de múltiplas experiências.

Para finalizar, ressalto que pesquiso porque quero melhorar a escola, acredito nos(as) professores(as) e no ensino como possibilidade de fazer e organizar outras formas de produzir e reproduzir a vida em comum; para compartilhar significados; acredito ser possível outras formas de produzir conhecimento; acredito que estou aprendendo a pesquisar COM e ENTRE docentes e não SOBRE eles. E, em meu entendimento, uma boa pesquisa em Educação Física é um processo que se constitui – o tanto para pesquisadores(as) quanto para colaboradores(as) – em experiências significativas de ensino e de aprendizagem: ou seja, uma pesquisa educativa.

REFERÊNCIAS

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa.** Uberlândia: EDUFU, 2011.

GOETZ, Judith; LeCOMPTE, Margaret. **Etnografía y diseño cualitativo en investigación educativa.** Madrid: Morata, 1984.

EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: entre demandas curriculares e experiências artesanais

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu**: a mudança de si em uma sociedade global. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

MOLINA NETO, Vicente; MOLINA, Rosane Maria Kreuzburg. A construção narrativa como instrumento metodológico de formação. In: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina (Orgs.). **Práticas corporais**. Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, 2005. (v. 2). p. 35-59.

MOLINA NETO, Vicente; MOLINA, Rosane Maria Kreuzburg. A prática pedagógica do professorado de Educação Física no cotidiano escolar: pesquisar e aprender: metaponto de vista. In: MOLINA NETO, Vicente; BOSSLE, Fabiano; SILVA, Lisandra Oliveira e; SANCHOTENE, Mônica Urroz. **Quem aprende?** Pesquisa e formação em educação física escola. Ijuí: Unijuí, 2009. p. 13-36.

MOLINA NETO, Vicente; MOLINA, Rosane Kreuzburg. Pesquisa qualitativa em Educação Física escolar. A experiência do F3P-EFICE. In: MOLINA NETO, Vicente; BOSSLE, Fabiano (Orgs.). **O ofício de ensinar e pesquisar na Educação Física escolar**. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 09-36.

SCHOLZE, Lia. **Narrativa de si**: o olhar feminino nas histórias de trabalho. 2005. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: entre demandas
curriculares e experiências artesanais

SILVA, Lisandra Oliveira e. Produção de conhecimento (e de aprendizagem) entre sujeitos: o desafio da pesquisa. In: MOLINA NETO, Vicente; BOSSLE, Fabiano; SILVA, Lisandra Oliveira e; SANCHOTENE, Mônica Urroz. **Quem aprende?** Pesquisa e formação em educação física escolar. Ijuí: Unijuí, 2009. p. 143-155.

SILVA, Lisandra Oliveira e; MOLINA NETO, Vicente. O processo de identização docente na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. **Educação & Realidade**, EJA e educação profissional, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 209-231, jan./abr. 2010.

SILVA, Lisandra Oliveira e; MOLINA NETO, Vicente. Os sentidos da escola e da Educação Física para estudantes e docentes de uma rede pública municipal. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 1139-1158, jul./set. Dez. 2014.